

Tonhati, Tania e Pereda Cordova, Lorena (2024). O comportamento da migração feminina no Brasil: uma análise a partir dos dados produzidos pelo OBMigra. *PERIPLOS. Revista de Pesquisa sobre Migrações*, 8(1), 215-242.

O comportamento da migração feminina no Brasil: uma análise a partir dos dados produzidos pelo OBMigra

El comportamiento de la migración femenina en Brasil: un análisis a partir de los datos producidos por el OBMigra

Tânia Tonhati¹
Lorena Pereda Cordova²

RESUMO

O perfil da migração para o Brasil foi predominantemente masculina entre os anos de 2010 e 2018, ano que iniciou um aumento na chegada de mulheres imigrantes no país. O crescimento do fluxo migratório feminino torna-se perene nos anos subsequentes. Em 2022, o processo de feminização das migrações no país parece estabelecido e fica ainda mais complexo ao se observar também, que com a chegada de mais mulheres, temos um aumento no número de crianças e adolescentes. Com o intuito de contribuir para essa discussão, esse artigo procurou analisar a dinâmica e características da feminização das migrações no Brasil, a partir dos dados produzidos pelo OBMigra, ao longo dos seus dez anos de existência. Nosso objetivo foi responder principalmente às seguintes perguntas: Como foram os números de registros de mulheres na Polícia Federal? Como ficam as solicitações da condição de refugiada e os reconhecimentos de refúgio? Quais as principais atividades laborais das mulheres imigrantes? Em síntese, os dados demonstram esse crescimento numérico nos registros de mulheres imigrantes tanto para residência quanto na solicitação de refúgio e um aumento da presença delas no mercado de trabalho no país.

1 Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Sociologia (SOL). Pesquisadora do OBMigra. E-mail: tania.tonhati@unb.br
Red acadêmica: <http://orcid.org/0000-0002-1841-977X>

2 Mestre em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latinoamericanos (ELA/UnB) e pesquisadora do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). E-mail: lorena.obmigra@gmail.com
Red acadêmica: <http://orcid.org/0000-0003-2638-9571>

Palavras-chave: Mulheres migrantes. Mulheres solicitantes da condição de refugiadas. Mulheres refugiadas. Brasil. OBMigra.

RESUMEN

El perfil de la migración a Brasil fue predominantemente masculino entre 2010 y 2018, año en el que aumentó la llegada de mujeres inmigrantes al país. El crecimiento del flujo migratorio femenino se hizo perenne en los años siguientes. Para 2022, el proceso de feminización de la migración en el país parece haberse establecido y se vuelve aún más complejo ver que, con la llegada de más mujeres, hay un aumento en el número de niños y adolescentes. Para contribuir a esta discusión, este artículo buscó analizar la dinámica y las características de la feminización de la migración en Brasil, a partir de los datos producidos por OBMigra a lo largo de sus diez años de existencia. Nuestro objetivo era principalmente responder a las siguientes preguntas: ¿Cómo ha cambiado el número de mujeres registradas en la Policía Federal? ¿Cómo son las solicitudes de refugio y los reconocimientos de refugio? ¿Cuáles son las principales actividades laborales de las mujeres inmigrantes? En resumen, los datos muestran que se ha producido un crecimiento del número de registros de mujeres inmigrantes, tanto para obtener la residencia como para solicitar el refugio, y un aumento de su presencia en el mercado laboral del país.

Palabras clave: Mujeres migrantes, Mujeres solicitantes de la condición de refugiadas. Mujeres refugiadas. Brasil. OBMigra.

O COMPORTAMENTO DA MIGRAÇÃO FEMININA NO BRASIL

O ano de 2023 marcou os dez anos do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). Durante esses anos nós pesquisadoras do projeto aprendemos muito sobre os registros administrativos, que poderiam ser transformados em bases de dados, e a partir deles conseguimos chegar a informações preciosas sobre a imigração no Brasil. No início das nossas pesquisas os dados demonstraram que a grande maioria dos imigrantes que estavam vindo para o país eram homens, e em idade laboral. Assim sendo, nós nos debruçamos para entender e traçar o perfil desses imigrantes, e através das categorizações das bases de dados, buscamos por mais informações que nos ajudassem a entender o perfil desses imigrantes. Contudo, nos últimos anos, os dados começaram a nos mostrar algumas alterações no perfil predominante dos imigrantes que estavam chegando no país. Em 2019, quando analisamos os dados de 2018, já observamos um aumento no número de mulheres imigrantes, no entanto, o aumento ainda poderia ser apenas circunstancial. No entanto, em 2020 quando olhamos novamente os dados, constatamos que esse aumento estava sendo contínuo e que

havia um aumento substancial no ano de 2019³. Diante dessa constatação, decidimos ter um capítulo específico no relatório do OBMigra para as mulheres imigrantes. Era preciso saber mais sobre elas.

Nesse sentido, escrevemos em 2020 o primeiro capítulo específico para as mulheres imigrantes - intitulado *"Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019) quem são: idade, nacionalidade, status civil; onde estão morando, trabalhando"* (Tonhati e Macedo, 2020). Neste capítulo destacamos que era importante dar visibilidade a imigração feminina no Brasil, já que essa vinha crescendo nos últimos cinco anos, e afirmamos:

Se na primeira metade dessa década a grande novidade para as imigrações no Brasil foi a chegada de novos fluxos migratórios do Sul Global, que superaram os antigos e tradicionais fluxos, como por exemplo os portugueses (CAVALCANTI, et al. 2015); a segunda metade da década tem como novidade o aumento no número de mulheres imigrantes chegando no país e se inserindo no mercado de trabalho formal (Tonhati e Macedo, 2020, p. 159).

No ano seguinte, 2021, o capítulo sobre as mulheres já estava incorporado como sendo fundamental para o relatório anual do OBMigra, pois precisávamos saber como a migração feminina estava se comportando no Brasil. Eram várias as perguntas que nós nos fizemos: Essa migração continuava crescendo ou não? Quem eram e onde estavam as mulheres imigrantes? Onde estavam trabalhando? Tentamos responder a algumas dessas indagações através das bases de dados que tínhamos acesso. Os dados analisados em 2021, no capítulo *"A feminização das migrações no Brasil: a inserção laboral das mulheres imigrantes (2011-2020)"* nos permitiu afirmar que:

[...] a partir da segunda metade da última década as migrações no Brasil se tornaram mais femininas, ou seja, houve um aumento no número de chegadas de mulheres no país, assim como, cresceu a quantidade de mulheres com residência permanente. Também observamos que aumentou o número de mulheres solicitantes da condição de refugiadas, com destaque para as venezuelanas que lideram a lista de solicitações. Em síntese, na última década o Brasil entrou no rol dos países em que há um processo de feminização das migrações, e no caso foram as haitianas e venezuelanas as principais protagonistas (Tonhati e Pereda, 2021, p. 182).

Já no ano de 2022, ao analisarmos os dados produzidos pelo OBMigra, dois fenômenos nos saltaram aos olhos, o processo de feminização das migrações no país continuava e juntamente com ele, observamos o aumento no número de crianças e adolescentes. Com as mulheres vinham as crianças e adolescentes. Buscando entender melhor essa conexão, escrevemos o capítulo intitulado - *"Mulheres, crianças e jovens na migração internacional no Brasil"* (Oliveira e Tonhati, 2022). Neste capítulo constatamos os impactos da pandemia de Covid-19 na chegada de mulheres e crianças/adolescentes no ano de 2020, mas também notamos que, no ano de 2021, houve novamente

³ Aqui é importante destacar que analisamos sempre os dados do ano anterior ao lançamento dos relatórios.

um crescimento nas chegadas desses grupos. Os dados analisados demonstraram claramente um crescimento exponencial dos registros e solicitações de refúgio por mulheres e também por crianças e adolescentes.

Assim sendo, aqui é importante destacar, que ao analisarmos os dados produzidos pelo OBMigra, observamos que nos últimos cinco anos as imigrações para o Brasil, caracterizam-se por novos desafios, inclusive, ao pensar sobre a imigração feminina e de crianças e adolescentes. Com o intuito de contribuir para essas discussões, no último relatório do OBMigra voltamos a ter um capítulo dedicado exclusivamente para as mulheres imigrantes e inauguramos um outro capítulo dedicado para a análise das crianças e adolescentes.

No capítulo, agora aqui revisado e transformado nesse artigo, analisamos os dados de 2022, com recorte para a imigração de mulheres no Brasil. Conforme apresentado em relatórios anteriores do OBMigra (2021 e 2022) vimos que o número de mulheres imigrantes, solicitantes da condição de refúgio e refugiadas no país cresceu entre os anos de 2016 e 2019. Já durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021, a chegada das mulheres diminuiu devido às restrições sanitárias da pandemia de COVID-19 (Tonhati e Pereda, 2022). Por sua vez, o ano de 2022 tende a se aproximar das dinâmicas pré-pandêmicas, no qual as restrições de mobilidade, por conta da pandemia, foram arrefecidas, uma vez que tivemos a vacinação e a volta das atividades presenciais. Nesse contexto, então, buscamos responder às seguintes perguntas. Como foram, nos últimos anos, com ênfase para o ano de 2022, os números de registros de mulheres imigrantes na Polícia Federal? Como ficam as solicitações da condição de refugiada e os reconhecimentos de refúgio? Esses voltaram ou não aos patamares pré-pandêmicos? Quais as principais atividades laborais das mulheres imigrantes? Houve alguma alteração entre os anos pandêmicos e o ano de 2022?

Com essas questões em mente, analisamos as seguintes bases de dados do OBMigra: Sistema de Registro Nacional Migratório (SisMigra). Com relação aos dados do SISMIGRA utilizamos os dados referentes aos registros de residentes. Há diversos amparos legais utilizados pela Polícia Federal no registro dos imigrantes. Estes amparos foram categorizados e agrupados pelo OBMigra em 4 categorias: fronteiriços, temporários, residentes e não aplicáveis. Residentes equivale aos amparos de mais longa duração, temporários, aos amparos de mais curta duração, e fronteiriços, para os imigrantes residentes em cidades de outros países contíguas às fronteiras brasileiras. Nosso interesse, nesse capítulo, é para com os registros das imigrantes, que estão enquadradas nos amparos de longa duração, ou seja, que estão permanecendo no país. Por isso, utilizamos os dados dos registros que contemplam os amparos agrupados sob a categoria *residentes*⁴.

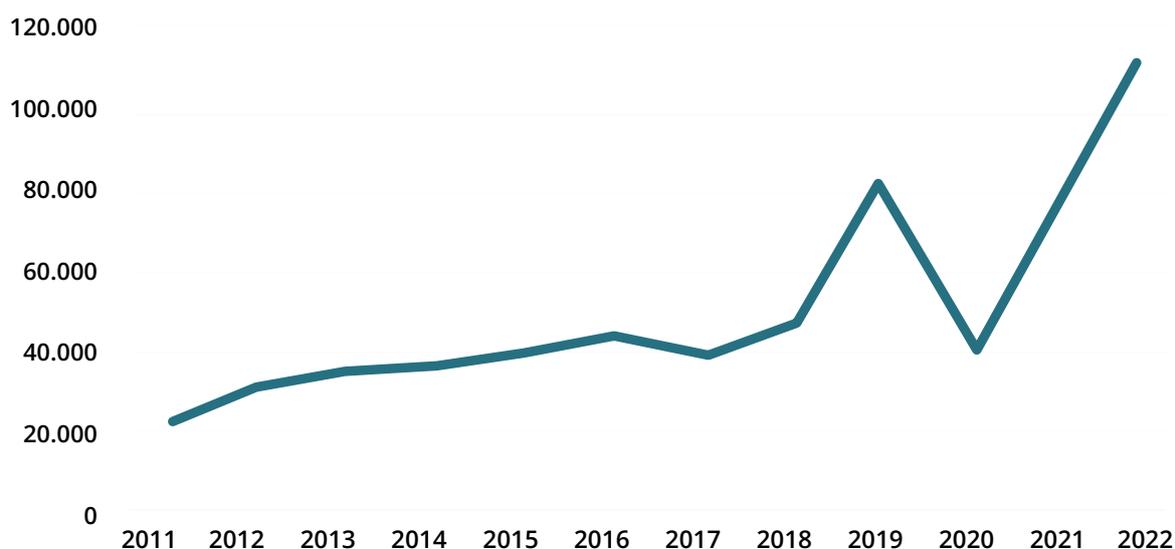
4 Para mais informações sobre as categorizações dos amparos sugiro o capítulo de metodologia do relatório OBMigra (2023), disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>

Ademais, analisamos o Sistema de Tráfego Internacional Módulo Alerta e Restrições (STI-MAR), no qual acessamos os dados sobre as solicitações de refúgio. Finalmente, analisamos a inserção e a movimentação das trabalhadoras imigrantes no mercado de trabalho formal no Brasil, a partir das bases de dados harmonizadas da Relação Anual de Informações Social (RAIS), da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

OS REGISTROS DE MULHERES IMIGRANTES NA POLÍCIA FEDERAL, SEGUNDO O SISTEMA DE REGISTRO NACIONAL MIGRATÓRIO (SISMIGRA)

Começamos com a análise do número de registros de mulheres imigrantes residentes ao longo da década 2011-2022. O Gráfico 1 mostra uma dinâmica de crescimento constante, com exceção dos anos de 2017 e 2020. Em 2017 houve uma queda pequena em relação a 2016, e em 2020, houve uma queda mais significativa em relação a 2019, devido a pandemia de COVID-19. Aqui é importante destacar que mais de 70% desses registros de mulheres imigrantes pertencem à categoria de residentes, sob a qual debruçamos nossa análise. Os anos de 2019 e 2022, por sua vez, se mostram como os anos em que se constata mais registros de imigrantes mulheres, 73.565 e 80.838 respectivamente.

Gráfico 1. Número de registros de imigrantes mulheres residentes, por ano de registro, 2011 - 2022



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2011 a 2022.

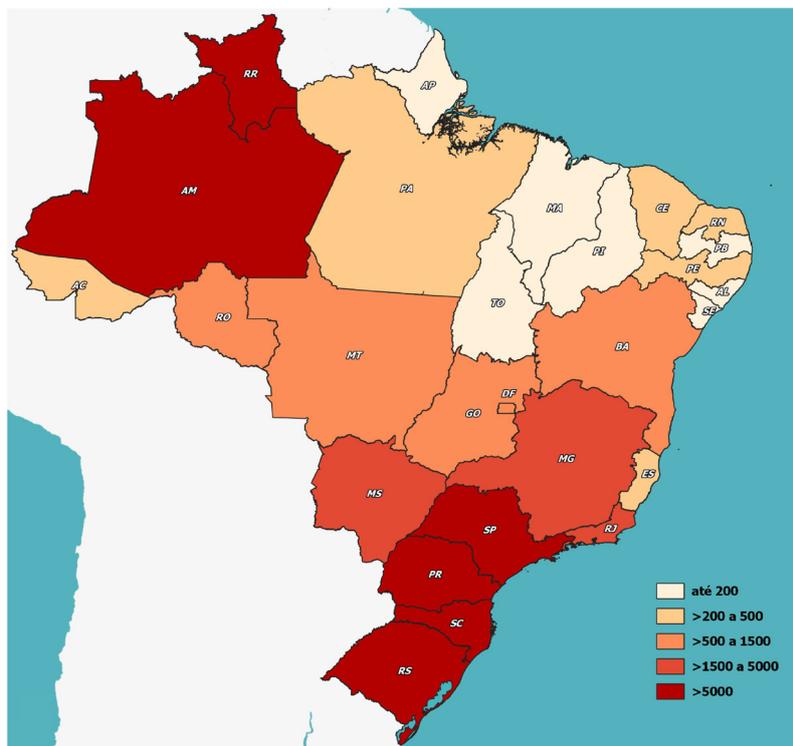
Número de registros de mulheres imigrantes de residentes, por ano de registro, segundo Unidade da Federação de residência

Analisando o número de registros de mulheres imigrantes residentes na série histórica estudada, a UF São Paulo concentra quase um terço (27,90%) do total de registros de 2011 a 2022. Já Roraima aparece em segundo lugar com 18,46% de registros, em terceiro com quase 10% cada, estão a UF do Paraná e Santa Catarina. O Amazonas e o Rio Grande do Sul seguem na lista das principais UFs com pouco mais de 5% (6,95% e 6,65%, respectivamente). Já o Rio de Janeiro ficou com 5,28%. As outras UFs não ultrapassaram 3% do total de registros.

Olhando o comportamento dos registros vemos que, no geral, todas as UFs registraram aumento nos registros de imigrantes mulheres na série estudada, mas vamos destacar alguns que chegaram aos seus maiores picos na presente década: São Paulo e Amazonas, por exemplo, tiveram seus picos máximos em 2019 e 2022. Já Roraima teve três picos, um em 2018, outro em 2019 (com mais registros que o acumulado entre os anos de 2011 e 2018, mas uma grande queda nos registros em 2020), e em 2022. Já o Paraná (9.078) e Santa Catarina (8.846) tiveram aumentos significativos, sendo o ano de 2022 o com maior número de registros de toda a série histórica estudada.

Em 2022, as UFs que mais registraram mulheres imigrantes residentes foram Roraima (19.788), São Paulo (16.829), Paraná (9.078), Santa Catarina (8.846), Amazonas (7.725) e Rio Grande do Sul (5.370).

Mapa 1. Número de registros de mulheres imigrantes residentes, por ano de registro, segundo Unidade da Federação de residência, 2011 - 2022



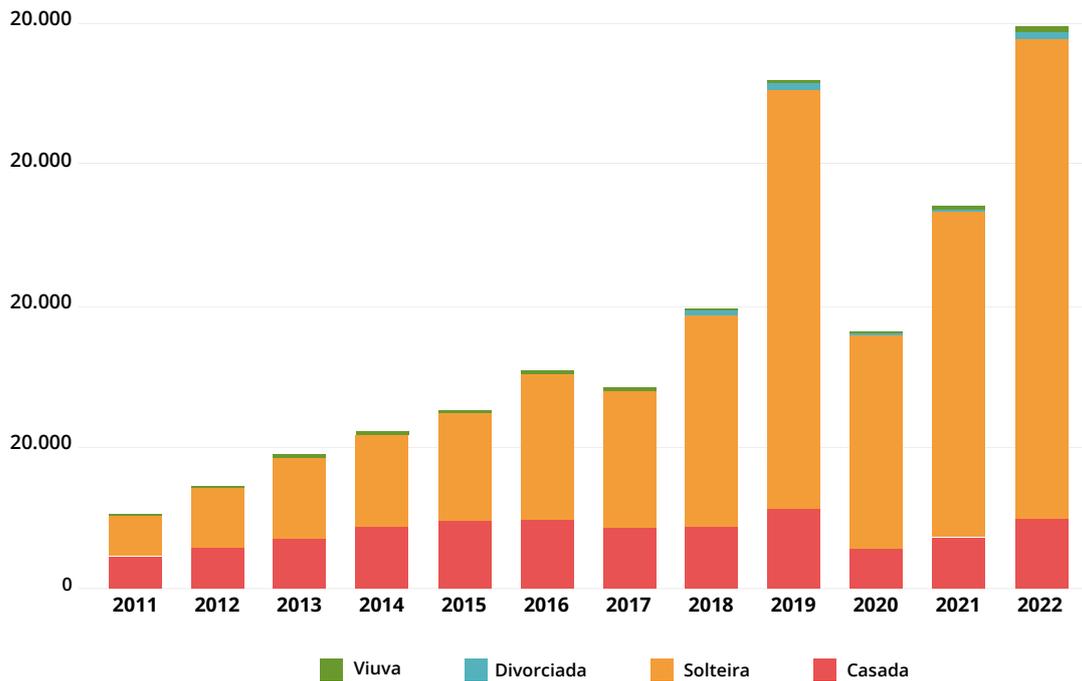
Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2011 a 2022.

Número de registros de mulheres imigrantes residentes, por ano de registro, segundo estado civil

A grande maioria das mulheres imigrantes residentes registradas ao longo da década analisada são solteiras, acumulando 73,43% do total de 2011 a 2022, e casadas apenas 21,35%. Chama a atenção que, desde 2018 e em 2022, há uma diferença de mais de 50% dos registros entre as mulheres imigrantes solteiras e casadas. Em 2022, 83,96% dos registros foram para mulheres solteiras e 11,97% foram para mulheres casadas.

É importante notar a presença também de mulheres divorciadas, número que surge a partir de 2018 (737) e aumenta em 2019 para 957. Em 2020 e 2021, esse número cai devido aos anos da pandemia e, depois, é possível ver seu aumento em relação a 2019 em 2022, indo para 1.013. Outro número que gostaríamos de ressaltar é a presença de mulheres viúvas que, enquanto em toda série histórica varia entre 300 e 500, no ano de 2022, esse número passa para 816.

Gráfico 2. Número de registros de mulheres imigrantes residentes, por ano de registro, segundo estado civil, 2011 - 2022



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2011 a 2022.

Número de registros de mulheres imigrantes residentes, por ano de registro, segundo principais nacionalidades

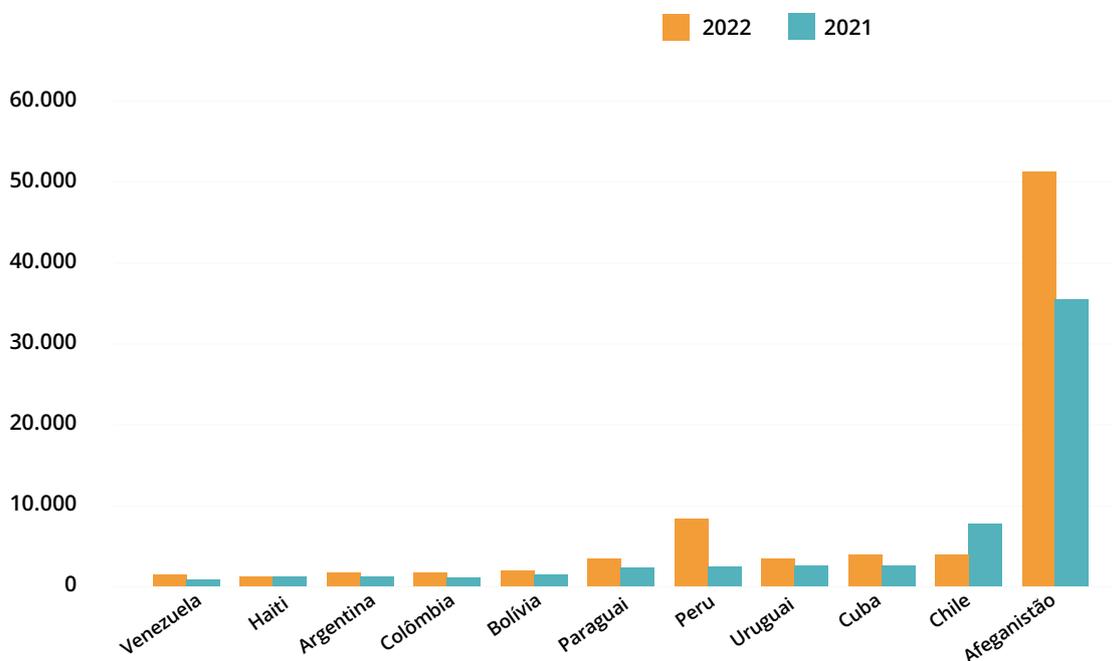
Na análise das principais nacionalidades de mulheres registradas escolhemos comparar os anos de 2021 e 2022, para que fosse possível acessar informações mais atuais e precisas sobre quais são os principais coletivos migratórios de mulheres que estão chegando no país. Somando os registros desses dois anos temos que as mulheres que mais foram registradas como residentes no país, considerando o maior número de registro para o menor, foram das seguintes nacionalidades: Venezuela, Haiti, Bolívia, Argentina, Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai, Cuba, Chile e Afeganistão.

Em 2021, as mulheres de nacionalidade venezuelana concentraram o maior número de registros do ano. Do total de registros de residentes mulheres, 63,1% eram venezuelanas, seguidas pelas haitianas (12,84%) e, as argentinas e colombianas, com 3,43% e 3,40%, respectivamente. As bolivianas, paraguaias e peruanas seguem na lista, mas com menos de 3% do total. Entre as venezuelanas, foram as mulheres entre 19 e 39 anos as que lideraram os registros. No entanto, chama a atenção o número de crianças mulheres de 0 a 11 anos de idade, que somaram 8.370 registros. O mesmo aconteceu com as haitianas.

No caso do ano de 2022, nota-se que as venezuelanas se mantêm no topo (51.010), aumentando o número de registros em comparação com 2021 (34.946), enquanto as haitianas descem nas posições do total de registros e ficam em quarta posição. São as bolivianas que ficam em segundo lugar com quase 10% do total de registros (9,42%), seguidas pelas argentinas, haitianas, paraguaias e colombianas, com menos de 4% cada uma.

Entre as venezuelanas residentes, o crescimento nos registros se dá em maior proporção para as mulheres de 19 a 39 anos, de 40 a 59 anos, e de 60 anos ou mais. Por sua parte, as bolivianas residentes mostraram um aumento nos registros de mulheres mais jovens de 0 a 11 anos, de 12 a 18 anos, e de 19 a 39 anos.

Gráfico 3. Número de registros de mulheres imigrantes residentes, por ano de registro, segundo principais nacionalidades, 2021 e 2022



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), 2023.

Em termos de registros de mulheres imigrantes residentes no país, podemos afirmar, portanto, que o ano de 2022, marca não apenas um retorno aos dados pré-pandemia (2019), mas também o aumento dos números desses registros. Com destaque para os registros das venezuelanas, com idade entre 19 a 39 anos, e nos estados como Roraima, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Vejamos agora os dados referente às mulheres solicitantes da condição de refúgio no país.

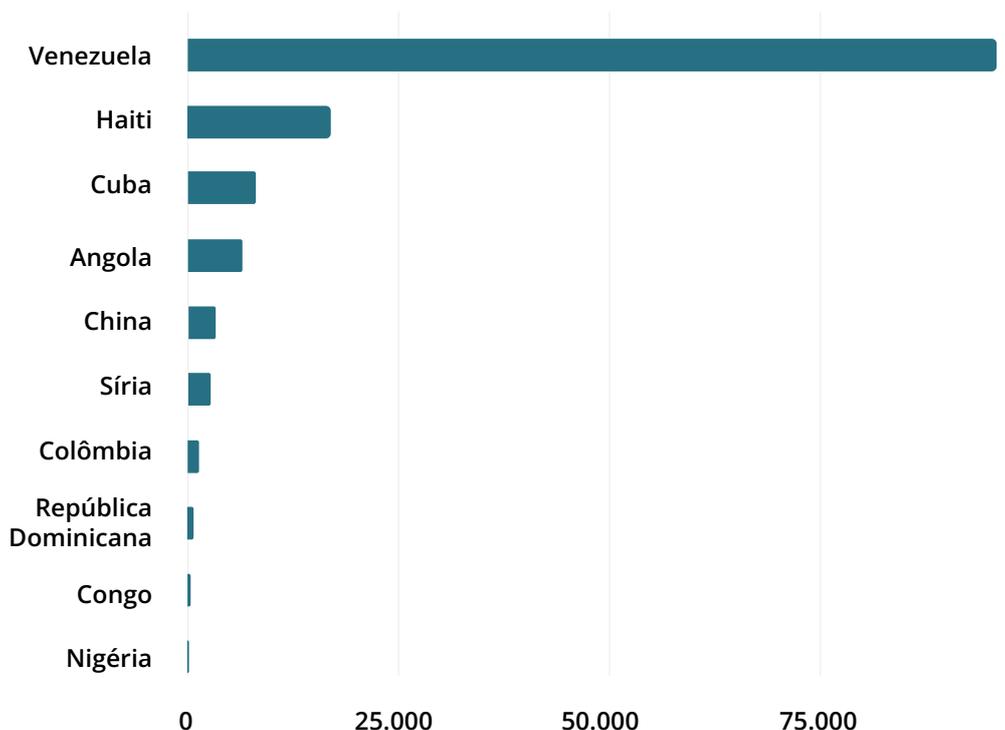
AS MULHERES SOLICITANTES DA CONDIÇÃO DE REFÚGIO (STI-MAR)

O número de solicitações de refúgio por parte de mulheres no Brasil tem tido um aumento significativo nos últimos anos. No início da série, em 2011, no Brasil, foram feitas apenas 232 solicitações de refúgio, e em 2019 foram quase 40 mil solicitações, correspondendo a 26,67% do total de solicitações da década (2011-2020). Foi a partir de 2017 que as solicitações começaram a aumentar. Quase o total das solicitações se concentra na última metade da série analisada, com 93,60% de 2017 a 2022.

Solicitações da condição de refúgio, por mulheres, as principais nacionalidades Segundo os dados da Polícia Federal sobre as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado entre 2011-2022, a maioria das mulheres que solicitaram refúgio no Brasil nesses últimos onze anos tinham a nacionalidade da Venezuela, Haiti, Cuba, Angola, China, Síria, Colômbia, República Dominicana, Congo e Nigéria.

Até o ano de 2015, as haitianas lideravam os pedidos de solicitações de refúgio, mas em 2016, as venezuelanas ultrapassaram, e permaneceram, como a nacionalidade que mais solicitou refúgio no Brasil até 2022. O total de solicitações feitas por mulheres na série estudada (de 2011 a 2022) foi de 138.527 e, desse total, 69,65% das solicitações foram feitas por venezuelanas. Em 2022 foram feitas 22.852 solicitações de refúgio, um volume maior que os anos de 2020 e 2021, mas ainda menor que o de 2019 (36.945).

Gráfico 4. Solicitações de refúgio, por mulheres, as principais nacionalidades (2011 - 2022)



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 2023.

Entre os anos de 2017 e 2018 houve um crescimento de mais de 70% no número de solicitações de refúgio das venezuelanas, que se manteve alto em 2019. Porém em 2020, o número de solicitações sofreu com uma queda de -68,4%, comparando com o ano anterior. De fato, todas as nacionalidades tiveram queda nas solicitações de refúgio no ano de 2020 (12.344) e 2021 (13.479), em comparação com 2019 (36.945). Já no ano de 2022, o número de solicitações de refúgio no geral aumentou em relação a 2021, passando para 22.852. Já por parte das venezuelanas também constatamos um aumento entre 2021 (11.138) e 2022 (16.042), mas ainda estando abaixo de 2019 (26.026).

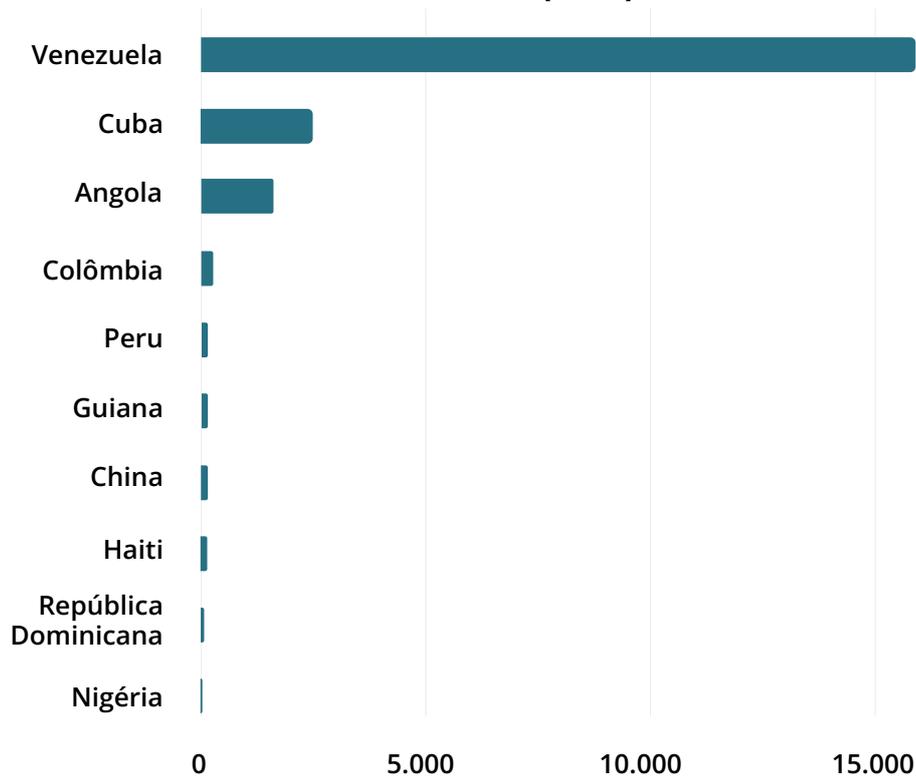
Em segundo lugar nas solicitações de refúgio no país, estão as haitianas que totalizam 15.278 solicitações de refúgio, o que representa 11,03% do total das solicitações entre os anos de 2011 e 2022. As solicitações das haitianas têm três diferentes picos, o primeiro em 2015 (que teve 600 solicitações a mais em comparação com 2014), o segundo em 2017 (somando 700 solicitações a mais em comparação com 2016) e, em 2019, ano em que aumentam em mais de 4 mil solicitações e chegam no seu número máximo da década, 6.864 solicitações. A partir de 2020, devido à pandemia de COVID-19, o número de solicitações diminuiu e continua nesse ritmo até 2022, se reduzindo a apenas 110 solicitações naquele ano. No caso das haitianas não houve uma retomada no ano de 2022 nas solicitações de refúgio como aconteceu com os outros coletivos.

Em terceiro lugar no número de solicitações de refúgio estão as cubanas, que têm tido um aumento contínuo de 2011 a 2019, sendo neste último o mais alto pico da década, com 1.707 solicitações. Em 2020 e 2021, as solicitações sofreram uma queda, mas em 2022, diferentemente das haitianas, as cubanas solicitaram mais refúgio no Brasil. O ano de 2022 foi, portanto, o segundo pico significativo na série estudada com 2.465 solicitações.

Em quarto lugar estão as solicitantes angolanas, que solicitaram o refúgio no Brasil mais fortemente nos anos de 2017 (858), 2021 (991) e em 2022, com 1.646 solicitações. Finalmente, em quinto lugar, estão as solicitantes chinesas. Elas, igual as venezuelanas, não solicitaram refúgio nos dois primeiros anos da década. Assim sendo, o aumento do número das solicitações só se fez significativo em 2016 e 2017, passando de 78 para 576 solicitações, e se manteve nesse patamar até 2019. Já em 2022 esse número diminuiu, sendo apenas 154 solicitações.

Aqui destacamos que apesar de pequeno, o número de solicitações de refúgio de colombianas, dominicanas, nigerianas, peruanas e guianenses praticamente duplicaram suas solicitações em 2022, fato que deve ser acompanhado para ver se esse comportamento terá continuidade ou não.

Gráfico 5. Solicitações de refúgio, por mulheres, as principais nacionalidades (2022)



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 2022.

Número de mulheres solicitantes de refúgio, por ano, segundo Unidades da Federação de entrada

Em relação às localidades onde as solicitações de refúgio foram pedidas, os dados mostram a região Norte do país como a principal porta de entrada para as mulheres solicitantes de refúgio, concentrando 78,40% das solicitações, que foram feitas no período estudado. Em seguida, estão as regiões Sudeste (10,82%), Sul (3,07%), Centro-oeste (2,32%) e Nordeste (0,41%).

Tabela 1. Número de mulheres solicitantes de refúgio, por ano, segundo Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação de entrada - Brasil, 2011-2022

Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação de entrada	Total	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Brasil	138.527	232	228	691	1.561	3.319	2.828	11.538	32.510	36.945	12.344	13.479	22.852
Norte	108.600	-	-	-	1	2	1.289	7.832	37.967	32.573	10.957	11.407	16.572
Rondônia	134	-	-	-	-	-	-	2	15	8	12	3	94
Acre	3.092	-	-	-	-	1	12	55	162	249	284	919	1.410
Amazonas	4.218	-	-	-	-	-	87	303	133	145	107	82	3.360
Roraima	100.666	-	-	-	1	1	1.182	7.405	27.522	32.104	10.545	10.357	11.549
Pará	147	-	-	-	-	-	-	4	4	6	1	8	124
Amapá	336	-	-	-	-	-	8	62	131	61	8	38	28
Tocantins	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Nordeste	563	-	-	-	1	-	20	63	45	76	13	10	335
Maranhão	42	-	-	-	-	-	-	2	1	2	-	-	37
Piauí	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Ceará	190	-	-	-	1	-	13	44	27	36	6	6	57
Rio Grande do Norte	14	-	-	-	-	-	-	-	4	1	1	-	8
Paraíba	43	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	41
Pernambuco	96	-	-	-	-	-	4	16	8	23	4	2	39
Alagoas	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
Sergipe	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	7
Bahia	152	-	-	-	-	-	3	1	4	13	1	2	128
Sudeste	14.982	-	-	1	2	7	501	2.887	2.315	2.734	1.176	1.770	3.589
Minas Gerais	190	-	-	-	-	-	2	8	13	9	2	3	153
Espírito Santo	40	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	37
Rio de Janeiro	1.255	-	-	-	-	1	136	333	230	229	32	56	238
São Paulo	13.497	-	-	1	2	6	363	2.545	2.071	2.495	1.142	1.711	3.161
Sul	4.251	-	-	-	-	2	75	670	869	309	124	225	1.977
Paraná	2.013	-	-	-	-	-	29	350	548	161	82	198	645
Santa Catarina	1.421	-	-	-	-	-	19	218	207	31	4	6	936
Rio Grande do Sul	817	-	-	-	-	2	27	102	114	117	38	21	396
Centro-Oeste	3.207	-	-	-	-	-	34	86	1.314	1.253	74	67	379
Mato Grosso do Sul	2.338	-	-	-	-	-	9	31	1.102	991	70	56	79
Mato Grosso	220	-	-	-	-	-	-	1	83	11	-	-	125
Goiás	72	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	20
Distrito Federal	577	-	-	-	-	-	25	54	128	250	4	11	105
Não Especificado	6.924	232	228	690	1.557	3.308	909	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 2011-2022. Nota: A tabela mostra a evolução na qualidade de dados disponíveis. Até 2015 a informação de região e UF não era muito significativa mas, a partir de 2016, passou a demonstrar confiabilidade para as análises. Para mais informações ver o capítulo de metodologia deste relatório.

Roraima foi o estado que mais teve solicitações de refúgio na região Norte, concentrando quase 100% delas (92,69%), seguido do Acre (3,88%) e Amazonas (2,85%). Já na região Sudeste, São Paulo foi a UF que mais teve solicitações de refúgio na região, concentrando 90,09%, seguido do Rio de Janeiro (8,38%) e Minas Gerais (1,27%). Na região Sul, os números de solicitações estão distribuídos da seguinte maneira: primeiro Paraná, que recebeu quase a metade das solicitações totais da década (47,35%), depois Santa Catarina (33,43%), e Rio Grande do Sul, que ficou com 19,22%.

Já com relação aos municípios onde essas solicitações foram feitas destaca-se Pacaraima, em Roraima, com 60,10% do total. As solicitações neste município cresceram exponencialmente em 2018, passando de 6.349, em 2017, a 26.512 solicitações, em 2018. Manteve este número alto de solicitações também em 2019, mas, devido a pandemia, esses números voltaram aos patamares de 2017. Em 2022, foram registradas 6.693 solicitações.

Ainda no estado de Roraima chama a atenção os municípios de Boa Vista e Bonfim. Com relação a capital do estado, essa tem vivenciado um constante aumento no número de solicitações ao longo dos anos e, somente em 2022 (4.842), ultrapassou a soma das solicitações entre 2011 e 2021 (3.549). Por outro lado, Bonfim teve uma redução no número de solicitações de refúgio em 2022, passando de 5.447 solicitações em 2019 para apenas 02. Tal fato deve ser acompanhado para melhor entendermos se está ocorrendo um redirecionamento dos fluxos de mulheres para outros municípios ou uma concentração em Pacaraima e Boa Vista. Em suma, Pacaraima, Bonfim e Boa Vista são os municípios que mais receberam solicitações de refúgio na série histórica analisada (100.606 solicitações no total). De fato, se somadas todas as solicitações dos outros estados (37.921 solicitações), Roraima tem mais que o dobro.

Chama a atenção ainda o fato da cidade de Guarulhos (São Paulo) em 2022 ter recebido apenas uma solicitação de refúgio (em 2021 recebeu 1.457). O mesmo ocorreu com Assis Brasil, no Acre, que não recebeu nenhuma solicitação, sendo que desde 2016, vinha recebendo estas solicitações. Tais fatos devem ser analisados com mais detalhes.

AS MULHERES COM STATUS DE REFUGIADA RECONHECIDAS (CONARE)

Entre 2011 e 2022, o número de pessoas refugiadas reconhecidas no Brasil teve crescimentos e quedas significativas. Inicialmente, de 2011 para 2013, o número de reconhecimentos cresceu constantemente, e teve seu primeiro pico da década em 2014, chegando perto das 2 mil pessoas reconhecidas. Porém, desde o ano seguinte, 2015, o número de reconhecimentos sofreu uma diminuição que continuou até 2018, onde pode se ver um ligeiro aumento, se aproximando novamente aos mil reconhecimentos. É a partir de 2019 e 2020 que os dados alcançam picos de mais de 20 mil reconhecimentos (21.240 e 26.238, por ano respectivamente), superando inclusive a somatória dos 8 primeiros anos da série analisada (de 2011 a 2018 foram reconhecidas 5.769 pessoas no Brasil). Finalmente, nos dois últimos anos, 2021 e 2022, o número de refugiados reconhecidos se manteve alto, mas com uma importante diminuição, chegando aos 3.086 e 5.794 reconhecimentos, respectivamente.

Na série de análise, um destaque notável emerge no ano de 2019, quando o reconhecimento de refugiados alcançou números similares para homens (11.001) e mulheres (10.239). Esse ano foi particularmente significativo para as mulheres refugiadas, representando o máximo de reconhecimentos, mesmo quando somamos os totais dos anos anteriores (de 2011 a 2018, foram apenas 1.351). Já para o ano de 2020, as estatísticas mudaram: o reconhecimento de mulheres diminuiu para 9.794 casos, mantendo-se

abaixo dos níveis de 2019 para elas, enquanto os homens atingiram seu pico, com 16.444 reconhecimentos. Em 2021, houve uma queda significativa, caindo para 1.384. Em 2022, esse número aumentou novamente, atingindo 2.551, embora ainda esteja abaixo dos números de 2019.

Segundo a idade, os reconhecimentos ao longo dos anos analisados, no geral, foram concedidos a homens e mulheres entre 19 a 39 anos⁵. Só em 2021 foram em maior número para menores de 12 anos. Os reconhecimentos por sexo e grupos de idade, foram maiores para as mulheres e para o grupo de menos de 12 anos em dois momentos: em 2015 e entre 2018 e 2021. Em 2022, os reconhecimentos para ambos os sexos e para o mesmo grupo de idade, se aproximam e ficam na faixa dos 500 reconhecimentos. Continuando a análise, ressalta o grupo de 12 a 18 anos, os números das mulheres ficam um pouco acima dos homens entre 2019 e 2021. Chama atenção também o grupo mais velho de 60 anos a mais, pois, no período analisado, foram as mulheres quem mais reconhecimentos obtiveram, totalizando 977 para as mulheres em comparação com 823 dos homens.

Número de refugiados reconhecidos por sexo e grupos de idade, segundo principais países de nacionalidade (ou residência habitual)

O número de refugiados reconhecidos segundo principais países de nacionalidade ou residência habitual é exponencial para os nacionais da Venezuela, que concentram quase 90% (85,79%) dos reconhecimentos entre 2011-2022. Em segundo lugar estão os nacionais da Síria (5,43%), seguidos pelos da República Democrática do Congo (1,67%), Cuba (1,66%) e do Líbano (0,63%). Para o ano de 2022 em específico, o destaque continuou sendo para os venezuelanos (2.343) e venezuelanas (2.170); em segundo lugar apareceram os cubanos (460 homens e 166 mulheres), em terceiro Afeganistão (77 homens e 43 mulheres) e Burkina Faso (homens 110 e mulheres 10).

Olhando a linha de tempo, é possível observar que, entre os anos de 2011 e 2013, só um venezuelano obteve o reconhecimento de refúgio. Em 2015, o número de reconhecimentos subiu para 4, sendo 3 para mulheres (uma dentro do grupo de menos de 12 anos, outra de 12 a 18 anos, e mais uma para uma mulher entre os 19 a 39 anos). Já em 2016 o número total de reconhecimentos por sexo dos venezuelanos se aproxima e se concentra no grupo de idade entre 19 a 39 anos. Em 2019, os números dos grupos de idade de 19 a 39 anos, e de 40 a 59 anos, ficaram próximos em termos de reconhecimentos entre venezuelanos/as. No entanto, chama a atenção os mais de 100 reconhecimentos para meninas venezuelanas, do grupo de menos de 12 anos, comparado com 23 reconhecimentos de meninos, desse mesmo grupo de idade. Já nos anos seguintes esses números se aproximam. Em 2022 foram 567 reconhecimentos de refúgio para meninos venezuelanos menores de 12 anos, e 509 para meninas.

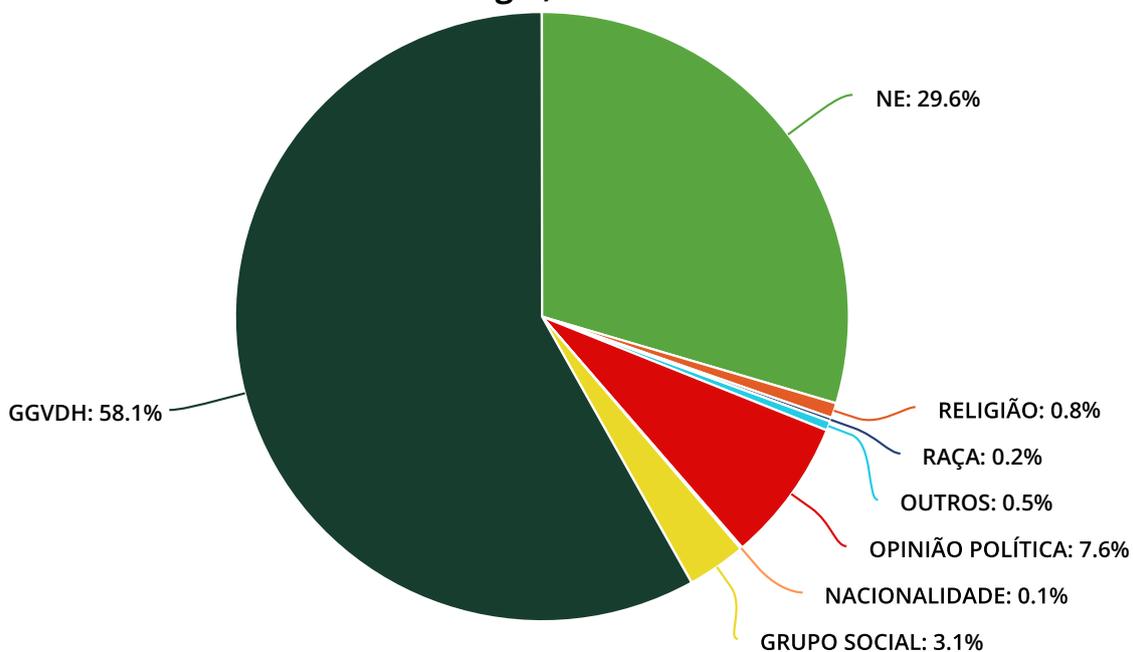
⁵ Se consideraram as seguintes cinco faixas etárias: Menor 12 anos, 12 a 18 anos, 19 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 anos e mais.

Também é com o coletivo venezuelano que há um aumento no número de idosos refugiados no país. Em 2019, o grupo de idosos de 60 anos a mais, começou a aumentar. Em 2022, foram 69 reconhecimentos para homens venezuelanos e 88 para mulheres venezuelanas no referido grupo. Em segundo lugar estão os cubanos, com 17 homens e 8 mulheres. Já as outras nacionalidades têm 0 ou no máximo 3 reconhecimentos na faixa etária de 60+.

Segundo tipo de fundamentação, quase 90% dos reconhecimentos concedidos na série histórica estudada foram na fundamentação de Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos (GGVDH), especialmente em 2019 e 2020. Na sequência estão as concessões de refúgio por Opinião Política (1,88%) e Grupo Social (0,81%).

No ano de 2022 os reconhecimentos para as mulheres foram, na sua maioria, concedidos sob a fundamentação de GGVDH, a qual geralmente aborda o caso das/os venezuelanas/os, com 1.514 reconhecimentos. O segundo grupo de mulheres reconhecidas ficou com a fundamentação de Opinião Política (145 reconhecimentos). Em terceiro lugar esteve a fundamentação por pertencer a um grupo social, sendo 58 para mulheres. Adicionalmente, nenhuma mulher teve refúgio concedido em 2022 com base na perseguição por nacionalidade ou raça, mas 14 mulheres tiveram o refúgio concedido por perseguição religiosa.

Gráfico 6. Número de refugiadas reconhecidas, segundo a Fundamentação aplicada ao ato de deferimento do refúgio, Brasil - 2022



Em síntese, a maioria dos reconhecimentos nos anos analisados foi para nacionais venezuelanos, tanto homens quanto mulheres, com pouca variação entre eles, em idade de 19 a 39 anos, na fundamentação de GGVDH. Também houve um aumento significativo no número de reconhecimentos de refúgio para crianças (menores de 12 anos), em particular para as crianças venezuelanas e também para idosos. É importante aqui afirmar que é com o coletivo venezuelano que se inaugura, no Brasil, a figura da criança e idoso refugiado. Antes da migração desse coletivo, e mesmo analisando os outros grupos, os casos eram pontuais.

Na próxima seção analisaremos os dados referentes à inserção laboral das mulheres imigrantes no país.

AS TRABALHADORAS IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL BRASILEIRO (2011- 2022)

Em termos da empregabilidade das mulheres imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro, o ano de 2022 (15.623) se destacou em comparação com os outros anos da série histórica analisada. Foi de longe, o ano em que mais mulheres estiveram no mercado de trabalho no país. Teve um aumento de mais de 50% em comparação com os últimos três anos de maior presença em 2019 (6.952), 2020 (7.269) e 2021 (7.445).

Na série analisada, o ano de 2015 e 2016, que marcaram um período de crise econômica no país, tiveram um crescimento de desligamentos. O ano de 2015 foi quando os desligamentos aumentaram, e em 2016, o saldo na movimentação das trabalhadoras imigrantes no mercado formal de trabalho ficou negativo, sendo demitidas mais mulheres que admitidas. Já em 2017, as admissões mostraram uma certa recuperação e, em 2019 e 2020, esse comportamento ficou um pouco estagnado, se mantendo nos patamares das 28 mil contratações por ano. Em 2021, as admissões dão um salto de mais 15 mil e segue em aumento para 2022, que foi o ano de maiores contratações, com um saldo positivo.

Tabela 2. Admissões e desligamentos das trabalhadoras imigrantes no mercado formal de trabalho, segundo ano de movimentação, 2011-2022

Ano	Mulheres		
	Admissões	Desligamentos	Saldo
2011	11.030	9.268	1.762
2012	12.945	11.217	1.728
2013	17.557	14.112	3.445
2014	23.180	18.933	4.247
2015	22.002	20.336	1.666
2016	17.773	20.324	2.551
2017	18.702	16.159	2.543
2018	21.485	17.136	4.349
2019	28.220	21.268	6.952
2020	28.591	21.322	7.269
2021	43.304	35.859	7.445
2022	60.674	45.051	15.623

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2011-2022

Para entendermos melhor como se deu a movimentação das trabalhadoras imigrantes no ano de 2022, analisamos as suas admissões e desligamentos mês a mês. De modo geral, os meses de janeiro a novembro apresentam um saldo de emprego próximo variando do menor 1.053 (jan.) e 1.772 (mai.). Os meses de maio, julho e agosto de 2022, são os meses nos quais se apresentaram com saldo mais positivos de contratações. Já o mês de dezembro teve um saldo negativo -341. Fato curioso uma vez que este tende a ser um mês de alta nas contratações nos setores de comércio e hoteleiro no país. Fica a pergunta: as mulheres imigrantes estão trabalhando nesses setores?

Tabela 3. Admissões e desligamentos das trabalhadoras migrantes no mercado formal de trabalho em 2022, segundo mês de movimentação

Mês	Mulheres		
	Admissões	Desligamentos	Saldo
Janeiro	4.254	3.201	1.053
Fevereiro	4.753	3.210	1.543
Março	4.695	3.593	1.102
Abril	4.473	3.320	1.153
Mai	5.188	3.416	1.772
Junho	5.077	3.541	1.536
Julho	5.289	3.664	1.625
Agosto	5.617	3.996	1.621
Setembro	5.593	4.019	1.574
Outubro	5.588	4.105	1.483
Novembro	5.496	3.994	1.502
Dezembro	4.651	4.992	-341

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022

Quando olhamos os grupos específicos, observamos que as haitianas foram as mulheres com o maior total de contratações na série estudada, seguidas das venezuelanas. Para as haitianas, os anos de 2014 e 2020, foram os que mais contratações registaram, se comparado com as demissões. No entanto, 2016, 2021 e 2022 foram os anos em que as demissões superaram as contratações, deixando saldos negativos: - 1.572, - 2.822 e - 659, respectivamente. Ao contrário das haitianas, para as venezuelanas, o saldo das contratações mostra um comportamento positivo e de aumento contínuo nos anos analisados, sendo um crescimento mais expressivo a partir de 2019. Mesmo nos anos de pandemia 2020 e 2021 as contratações continuam aumentando ano a ano e, em 2022, o número de contratações foi 35% maior que em 2021, ou seja, foram nos últimos anos que a movimentação no mercado de trabalho formal no país desta nacionalidade tomou maiores proporções. Em 2022, o saldo de contratações das paraguaias (695) e argentinas (448) também ficou positivo, mas muito abaixo do saldo das venezuelanas.

Se fizermos um *zoom* para as admissões e desligamentos das trabalhadoras haitianas e venezuelanas no mercado formal de trabalho em 2022, pode se ver que as venezuelanas tiveram três vezes mais contratações que as haitianas. Em todos os meses, as venezuelanas registraram mais de 2 mil contratações por mês, e ainda superaram as 3 mil contratações nos meses de Setembro, Outubro e Novembro. Já os meses de Junho, Setembro e Dezembro são os meses em que as admissões não aumentaram tanto como os desligamentos. Por outro lado, as haitianas não chegaram a mil contratações por mês, ficando nos patamares das 700 e 800 contratações mensais. Desde o mês de Agosto até Dezembro, as demissões das mesmas têm sido superiores às admissões, deixando saldos negativos para os meses mencionados.

Tabela 4. Admissões e desligamentos das trabalhadoras haitianas e venezuelanas no mercado formal de trabalho, segundo mês de movimentação, 2022

Mês	Haitianas			Venezuelanas		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
Janeiro	897	626	271	2.025	1.416	609
Fevereiro	805	607	198	2.279	1.383	896
Março	820	732	88	2.370	1.526	844
Abril	721	689	32	2.281	1.470	811
Mai	853	715	138	2.782	1.518	1.264
Junho	810	735	75	2.730	1.549	1.181
Julho	807	727	80	2.841	1.749	1.092
Agosto	799	875	-76	2.991	1.832	1.159
Setembro	733	892	-159	3.103	1.781	1.322
Outubro	699	1.009	-310	3.198	1.828	1.370
Novembro	626	1.004	-378	3.185	1.802	1.383
Dezembro	517	1.135	-618	2.703	2.245	458

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022

Sendo assim, buscamos entender melhor quais os setores de atividade econômica dentro do mercado de trabalho formal que vêm empregando as haitianas e venezuelanas. As mulheres haitianas, em 2019, tiveram saldo positivo de empregabilidade. Naquele ano, a atividade que mais empregou as haitianas foi a de Frigorífico - abate de suínos e aves (917) e em segundo lugar o setor de "Restaurantes e similares e Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares e Hotéis". Assim como em 2019, em 2020 a atividade de Frigorífico - abate de suínos e aves somadas, foi a que mais contratou as haitianas. E houve aumento das contratações nessas atividades em 2020, foram 2.647. Já as atividades do setor de "Restaurantes e similares e Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares e Hotéis" tiveram saldo negativo de contratações (-149), o que pode ser entendido pelo agravamento da pandemia de Covid-19.

Diferentemente das venezuelanas que tiveram saldos positivos de contratações em 2021 e 2022, esses dois últimos anos foram de saldos negativos para as haitianas. Em 2021, pode se ver a pior movimentação das mulheres desta nacionalidade no mercado de trabalho formal, pois as dez principais atividades mostraram saldos negativos, sendo o *Abate de aves* a atividade que mais contratou e, ao mesmo tempo, o que mais desligou. Em 2021, o saldo de emprego formal das haitianas ficou em - 2.822.

Em 2022, esse padrão de alto número de desligamentos das imigrantes haitianas continua (-659). Das 10 principais atividades, 5 mostraram saldos negativos (*Abate de aves*, *Frigorífico - abate de suínos*, *Comércio varejista de carnes - açougues*, *Limpeza em prédios e em domicílios*).

Tabela 5. Movimentação de trabalhadoras haitianas no mercado de trabalho formal, segundo principais atividades, 2022

Principais setores de atividade econômica	Mulheres		
	Admissões	Desligamentos	Saldo
Total	9.087	9.746	-659
Abate de aves	1.223	1.640	-417
Restaurante e similares	1.051	908	143
Frigorífico - abate de suínos	713	992	-279
Locação de mão de obra temporária	410	397	13
Limpeza em prédios e em domicílios	306	307	-1
Lanchonetes, casas, de chá, de sucos e similares	320	252	69
Comércio varejista de mercadorias em geral	228	215	13
Hotéis	198	202	-4
Comércio varejista de carnes - açougues	151	242	-94
Confecção de peças de vestuário, exceto roupas	199	194	5
Outros	4.288	4.394	-106

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022

Olhando para as admissões das trabalhadoras venezuelanas observamos que em 2019, a atividade de Faxineiro foi a que mais as contratou. Alimentador de linha de produção e Atendente de lojas e mercados foram as que melhores saldos positivos mostraram segundo as proporções das contratações e desligamentos do ano. Para 2020, a atividade de *Alimentador de linha de produção* foi a que mais as contratou. Essa mesma atividade junto com *Magarefe e Repositor de mercadorias* foram as que melhores saldos positivos mostraram segundo as proporções das contratações e desligamentos do ano. Em 2021, as maiores contratações foram para as atividades de *Alimentador de linha de produção*, que mostrou o melhor saldo positivo do ano, com 1.254. *Faxineiro, Magarefe e Auxiliar nos serviços de alimentação* também mostraram altos números nas contratações.

Em 2022, os maiores saldos positivos para as venezuelanas foram para as atividades de: *Alimentador de linha de produção* (2.038) e *Faxineiro* (1.422). Posteriormente, encontramos as venezuelanas empregadas em atividades como *Auxiliar nos serviços de alimentação* (965), *Magarefe* (926) e *Operador de caixa* (756). Com relação às venezuelanas o que é mais importante notar é que elas não tiveram saldo negativo, ou seja, apesar das taxas de desligamentos serem altas, se manteve um saldo positivo de empregabilidade para o último ano da série.

Tabela 6. Movimentação de trabalhadoras venezuelanas no mercado de trabalho formal, segundo principais ocupações (2022)

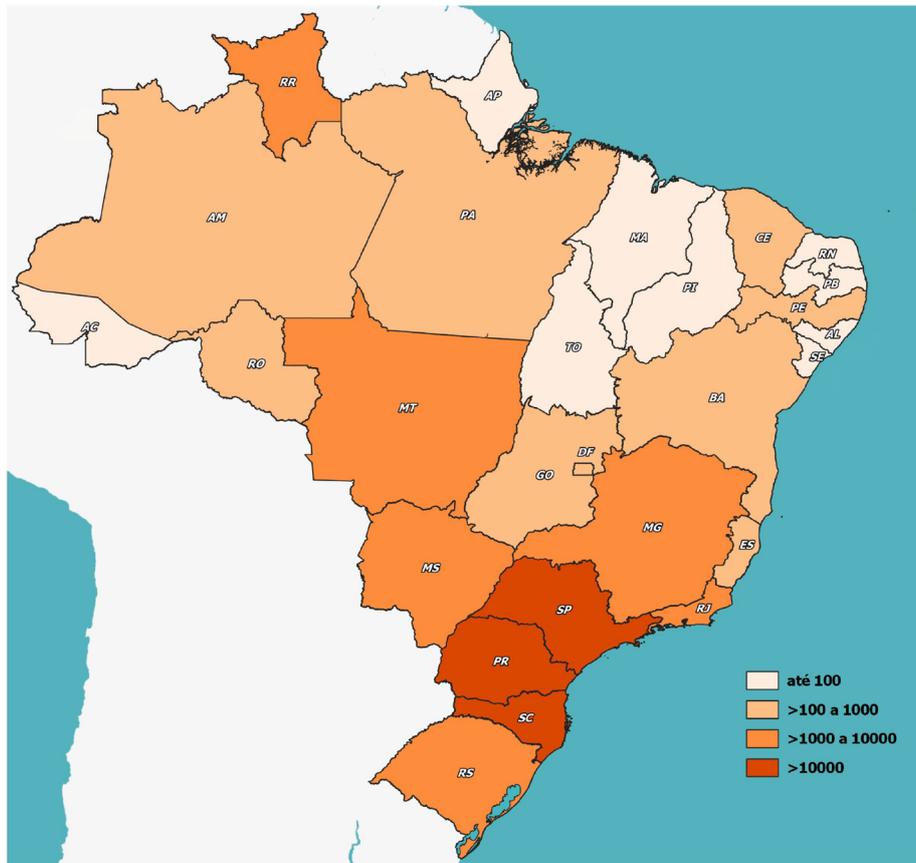
Principais grupos ocupacionais	Mulheres		
	Admissões	Desligamentos	Saldo
Total	32.488	20.099	12.389
Alimentador de linha de produção	4.703	2.665	2.032
Faxineiro	3.848	2.426	1.422
Auxiliar nos serviços de alimentação	2.519	1.554	965
Operador de caixa	1.764	1.008	756
Magarefe	1.767	041	926
Atendente de lanchonete	1.399	932	467
Atendente de lojas e mercados	1.192	665	527
Cozinheiro geral	918	610	308
Vendedor de comércio varejista	900	592	308
Repositor de mercadorias	841	497	344
Outros	12.637	8.309	4.328

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022

As contratações das trabalhadoras imigrantes, por Unidades da Federação

Se comparamos 2011 e 2022, se vê um aumento de quase 50 mil contratações, ou seja, há um aumento substancial no número de mulheres imigrantes trabalhando no país. Em 2011, São Paulo foi a Unidade da Federação que mais contratou (concentrando 39,55% das contratações do ano), seguido de Paraná, Rio de Janeiro e Santa Catarina que, juntas, somam menos contratações se comparadas com São Paulo (34,22%). Entre as cinco principais UFs, o Rio Grande do Sul ficou em último lugar com menos de 10% das contratações de trabalhadoras imigrantes. Já em 2022, Santa Catarina foi a Unidade da Federação, que mais contratou (26,01% das contratações do ano), seguida do Paraná (20%), São Paulo (19%) e Rio Grande do Sul (13%). Essas quatro UFs principais somaram quase 80% das contratações concedidas nesse último ano (78%).

Mapa 2. Admissões das trabalhadoras imigrantes, por Unidades da Federação, 2022



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022

Olhando mais de perto as admissões das trabalhadoras haitianas e venezuelanas no mercado formal de trabalho em 2022, pode se ver que quase 90% (88,46%) das contratações das haitianas em 2022, foram nas UFs de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Essas mesmas UFs concentram o maior número das contratações das venezuelanas em 2022 (75,97%). Para as venezuelanas, Roraima também foi uma UF importante na distribuição de contratações, acumulando quase 6% dessas contratações desse grupo (5,97%).

Os rendimentos das mulheres imigrantes no Brasil

Fazendo a análise sobre os rendimentos das mulheres imigrantes trabalhadoras no país, buscamos observar, quais eram os cinco países que registraram os maiores rendimentos e os cinco países com os menores rendimentos, considerando homens e mulheres, para verificarmos se havia diferença nos ganhos.

Os dados analisados demonstraram que em 2019, os cinco maiores rendimentos foram para os homens da Noruega, Suécia, Holanda, Austrália e França. Entre as mulheres, os maiores rendimentos ficaram para as nacionais da Suécia, Noruega, Turquia, Austrália e Índia. O rendimento médio só foi maior do que o dos homens para as mulheres da Suécia, Turquia e Índia.

Para 2020, os cinco maiores rendimentos médios reais de trabalhadores admitidos no mercado formal de trabalho foram para os nacionais da Coreia do Norte, Noruega, Vanuatu, Polônia e França. Foi no caso das mulheres da Noruega e Nova Zelândia, que se deu o maior rendimento médio real se comparado com a dos homens. Em 2021, a Noruega foi o país com maiores rendimentos médios reais. Suécia é o país que mostrou os rendimentos mais similares entre homens e mulheres imigrantes no Brasil.

Voltando os olhos para 2022, notamos que prevalecem as disparidades salariais entre homens e mulheres dos anos anteriores entre os maiores rendimentos. Entre os dez maiores rendimentos, os homens recebem 36% mais que as mulheres com os dez maiores rendimentos somados. Destacamos que, entre os maiores rendimentos, encontramos quase exclusivamente países europeus ocidentais. Esse quadro muda radicalmente quando voltamos nosso olhar para analisar os dez menores rendimentos médios.

Tabela 7. Os dez maiores rendimentos médio real de trabalhadores admitidos no mercado formal de trabalho, por ano e sexo, segundo principais países, em 2022

Principais Nacionalidades	Rendimento Médio		
	Total	Mulheres	Homens
Noruega	25.090	16.260	28.471
Dinamarca	20.723	5.301	27.919
Suécia	20.082	19.623	20.266
França	14.299	9.312	16.614
Irlanda	13.681	8.499	16.078
México	13.294	10.620	14.776
Alemanha	12.488	6.111	17.023
Rússia	12.483	11.326	13.416
República Tcheca	12.206	16.321	2.605
Holanda	10.754	5.199	12.185

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022 Notas: Rendimentos deflacionados, pelo INPC, para junho/2023. Foram desconsiderados salários menores que 0,3 salário mínimo e maiores que 150 salários mínimos. Foram consideradas as nacionalidades com no mínimo 10 admissões no período.

De 2019 a 2022, os menores rendimentos médios reais foram para os nacionais de Guiné Bissau, Venezuela, Vietnã e Camboja. O rendimento médio ficou menor para as mulheres de Camarões, se comparado com os homens em 2019. Em 2020, foi assim para as mulheres de Serra Leoa e Bangladesh. Para 2021, para as mulheres de Guiné e, em 2022, Guiné Equatorial e Camboja. Aqui observamos que as mulheres Africanas, Asiáticas e Latinas-Caribenhas estão entre as que recebem os menores rendimentos. Observamos que há, portanto, até em contexto migratório, uma reprodução das desigualdades de rendimentos entre homens e mulheres, e também em relação a países de origem, as mulheres de nacionalidade de países ricos tendem a ter rendimentos muito superiores às mulheres provenientes de países pobres.

Tabela 9. Os dez menores rendimentos médios reais de trabalhadores admitidos no mercado formal de trabalho, por ano e sexo, segundo principais países, em 2022

Principais Nacionalidades	Rendimento Médio		
	Total	Mulheres	Homens
Aruba	1.432	1.403	1.457
Suriname	1.507	1.399	1.527
Nauru	1.519	1.483	1.530
Guiné Equatorial	1.524	1.797	1.494
Botswana	1.600	1.419	1.696
Mauritânia	1.617	0	1.617
Brunei	1.617	1.546	1.665
Emirados Árabes Unidos	1.650	1.285	1.719
Burkina Faso	1.656	1.497	1.720
Camboja	1.657	1.905	1.598

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Previdência, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2022. Notas: Rendimento deflacionados, pelo INPC, para junho/2023. Foram desconsiderados salários menores que 0,3 salário mínimo e menores que 150 salários mínimos. Foram consideradas as nacionalidades com no mínimo 10 admissões no período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nessas considerações finais responderemos diretamente as perguntas que colocamos na introdução. Como estão os números de registros de mulheres imigrantes na Polícia Federal? Esses voltaram ou não aos patamares pré-pandêmicos? Com relação ao registro de mulheres residentes, podemos afirmar que sim. No ano de 2022 houve mais registros que no ano de 2019. Em 2022, 83,96% dos registros foram para mulheres solteiras e 11,97% foram para mulheres casadas, também foi constatada a presença e crescimento do registro de mulheres viúvas e divorciadas. As

Unidades da Federação que mais registraram mulheres imigrantes foram Roraima, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Amazonas e Rio Grande do Sul. Aqui podemos afirmar que os estados do norte do país vêm se consolidando no Brasil, como portas de entrada e, os estados do Sul e São Paulo, como estados de empregabilidade.

Como ficam as solicitações da condição de refugiada e os reconhecimentos de refúgio? Em 2022, o volume de solicitações de reconhecimento da condição de refugiada foi maior que nos anos de 2020 e 2021, mas ainda menor que o ano de 2019. O destaque para as solicitações de refúgio, em 2022, fica por parte das venezuelanas. Esse foi o coletivo de imigrantes mulheres que mais solicitaram refúgio, porém, o número de solicitações para esse grupo ainda foi menor do que em 2019. Outro fato que chama a atenção, foi o baixo número de solicitações feitas pelas imigrantes haitianas. Em 2022, foram menos solicitações que nos anos da pandemia. Diferentemente das haitianas, as cubanas solicitaram mais refúgio no Brasil em 2022. No ano de 2022, os dois coletivos de mulheres imigrantes que mais solicitaram refúgio no Brasil foram as venezuelanas e cubanas. Em termos de localização, em 2022, Roraima foi o estado onde mais solicitações foram feitas, com destaque para os municípios de Pacaraima e Boa Vista.

Com relação ao número de refugiadas reconhecidas, esse número se manteve alto em 2022. O ano de 2019 foi o ano de pico máximo de reconhecimentos, inclusive se somados os totais dos anos anteriores (de 2011 a 2018 somados). Em 2022, o número de reconhecimentos aumentou com relação a 2021, mas ainda ficou abaixo dos números alcançados em 2019 e 2020. No ano de 2022, as três nacionalidades com maior número de refugiadas reconhecidas foram venezuelanas, cubanas e afegãs. A maioria dos reconhecimentos estão sob a fundamentação de GGVDH. Outro ponto de destaque é que houve um aumento significativo no número de reconhecimentos de refúgio para crianças (menores de 12 anos), em particular para as crianças venezuelanas e também para idosos, inaugurando no Brasil a figura da criança e idoso refugiado.

Finalmente, podemos responder as perguntas. Quais as principais atividades laborais das mulheres imigrantes? Houve alguma alteração entre os anos pandêmicos e o ano de 2022? Em termos da empregabilidade de mulheres imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro, o ano de 2022 se destacou em comparação com os outros anos da série histórica analisada. Primeiro, porque este foi o ano em que mais mulheres se movimentaram no mercado de trabalho no país. Houve um aumento de mais de 50% em comparação com os últimos três anos. Em segundo lugar, o ano de 2022 se destaca porque as venezuelanas foram as imigrantes mais contratadas; já as haitianas, que vinham sendo inseridas nos anos anteriores, tiveram saldo negativo de empregabilidade. As Unidades da Federação que mais contrataram foram Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. Já com relação às atividades, as duas com maiores saldos de empregabilidade

em 2022 foram “Restaurantes e similares e Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares e Hotéis”, seguida por Frigorífico - Abate de aves e suínos. Com relação às venezuelanas, os maiores saldos positivos foram para Alimentador de linha de produção, Faxineiro, Auxiliar nos serviços de alimentação, Magarefe e Operador de caixa. Aqui é importante notar que em termos de volume de contratações e das atividades que mais contratam não houve grandes alterações entre os anos de pandemia e 2022. O que notamos de alteração foi o aumento na empregabilidade das venezuelanas, e a perda de postos de trabalho pelas haitianas. Fato que ressaltamos que precisa ser investigado mais profundamente.

Ademais, foi observado que o contexto migratório reproduz as desigualdades de rendimentos entre homens e mulheres, pois, as mulheres de nacionalidade de países ricos, recebem menos que os homens de origem de países ricos. Acrescentado ao marcador de desigualdade de gênero, temos o marcador de origem, pois as mulheres de países ricos têm rendimentos muito superiores às mulheres provenientes de países pobres. A desigualdade de salário entre homens e mulheres de países pobres é menor que a desigualdade entre homens e mulheres de países ricos. Aqui apontamos outra agenda de pesquisa que precisa ser investigada.

Como dito na introdução deste artigo, nos últimos anos avançamos nas análises de dados sobre a migração de mulheres para o Brasil. Essa é uma agenda de pesquisa que daremos continuidade nos próximos anos. É preciso acompanhar as alterações das migrações de mulheres para o país, em termos de fluxos, registros, status migratório, dinâmica de inserção laboral e produção e reprodução das desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Oliveira, Tadeu e Tonhati, Tânia (2022). Capítulo I. Mulheres, crianças e jovens na migração internacional no Brasil. Em: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Silva, B. G. *Relatório Anual OBMigra 2022*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, p. 8-36

Tonhati, Tania e Macêdo, Marília De (2021). Os impactos da pandemia de Covid-19 para as mulheres imigrantes no Brasil: mobilidade e mercado de trabalho. *Sociedade e Estado*, v. 36, p. 891-914, 2021.

Tonhati, Tania e Macêdo, Marília De (2020). Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019). *Périplos*, v. 4, p. 125-15.

Tonhati, Tania e Pereda, Lorena (2021). *Capítulo 06. A feminização das migrações no Brasil: a inserção laboral de mulheres imigrantes (2011-2020)*. Em: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, p. 155-184.